BRAZILIAN JOURNAL OF IMPLANTOLOGY AND HEALTH SCIENCES

ISSN 2674-8169

Revisão de literatura sobre a atuação da enfermagem no acolhimento de mulheres vítimas de violência nos serviços de emergência

Stephanye Christy Brandão Maia [1], Yasmim Sales Ribeiro[2], Jani Kenta Iwata[3].

https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n6p223-235
Artigo recebido em 23 de Abril e publicado em 03 de Junho de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

A violência contra a mulher é reconhecida mundialmente como um problema de saúde pública a qual necessita de uma demanda de enfermeiros altamente qualificados em suas atuações nos serviços de emergência. Este estudo teve por objetivo analisar a percepção dos enfermeiros sobre o acolhimento e cuidado às mulheres vítimas de violência em serviços de emergência. Trata-se de uma revisão de literatura exploratória e descritiva, realizada por meio de análise de conteúdo de Bardin, com base em 13 estudos publicados entre 2020 e 2025, extraídos de bases de dados como SciELO, Pubmed, Biblioteca Virtual de Saúde, Bireme e Google Scholar. Os resultados revelaram que os enfermeiros valorizam seu papel, destacando a importância da empatia e do cuidado integral, mas enfrentam obstáculos como despreparo, subnotificação e ausência de protocolos claros. A qualificação profissional, abrangendo a formação acadêmica e educação continuada, foram apontadas como essenciais para superar essas barreiras e melhorar o atendimento. Concluiu-se que a melhoria da atuação depende da capacitação e suporte institucional, sugerindo a inclusão do tema da violência contra a mulher nos currículos de enfermagem, treinamentos baseados em protocolos nacionais e fortalecimento da integração com o SUS. O estudo oferece subsídios para práticas mais eficazes e recomenda pesquisas empíricas futuras para validar essas estratégias.

Palavras-chave: Enfermagem. Violência contra a Mulher. Serviços de Emergência. Humanização

LITERATURE REVIEW ON THE PERFORMANCE OF NURSING IN RECEPTING WOMEN VICTIMS OF VIOLENCE IN EMERGENCY SERVICES

ABSTRACT

Violence against women is recognized worldwide as a public health problem that requires a demand for highly qualified nurses to work in emergency services. This study aimed to analyze nurses' perceptions about the reception and care of women victims of violence in emergency services. This is an exploratory and descriptive literature review, carried out through Bardin's content analysis, based on 13 studies published between 2020 and 2025, extracted from databases such as SciELO, Pubmed, Virtual Health Library, Bireme and Google Scholar. The results revealed that nurses value their role, highlighting the importance of empathy and comprehensive care, but face obstacles such as lack of preparation, underreporting and lack of clear protocols. Professional qualification, including academic training and continuing education, were identified as essential to overcome these barriers and improve care. It was concluded that improving performance depends on institutional training and support, suggesting the inclusion of the topic of violence against women in nursing curricula, training based on national protocols and strengthening integration with the SUS. The study provides support for more effective practices and recommends future empirical research to validate these strategies.

Keywords: Nursing. Violence against Women. Emergency Services. Humanization.

Instituição afiliada – [1] GRADUANDA DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE NILTON LINS
[2] GRADUANDA DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE NILTON LINS
[3] PROFESSOR ESPECIALISTA DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE NILTON LINS

Autor correspondente: *Stephanye* stephanyexsx@gmail.com

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

INTRODUÇÃO

A violência, de origem multicausal e multifatorial, é definida pela Organização Mundial da Saúde como o uso de força física ou autoridade, seja real ou ameaçada, contra um indivíduo, grupo ou comunidade, com o potencial de causar danos psicológicos, físicos e até mesmo a morte. Esse fenômeno tem um impacto significativo no perfil epidemiológico de qualquer população, prejudicando a individualidade das pessoas e gerando repercussões sociais profundas (JESUS, 2022). Além dos danos físicos, a violência resulta em efeitos psicossociais, como transtornos psiquiátricos e dificuldades no processo de reintegração social da vítima, acarretando custos sociais e impactos substanciais na saúde pública (PLATT, 2018).

Nos serviços de urgência e emergência, há uma crescente demanda por atendimento a vítimas de violência, os quais muitas vezes representam o primeiro ponto de contato com o sistema de saúde, embora a atenção básica também desempenhe um papel importante nesse acolhimento. Uma abordagem multiprofissional, apropriada e eficaz é essencial para a realização de intervenções adequadas e o acompanhamento das vítimas, garantindo que suas necessidades sejam plenamente atendidas (GOMES, 2023).

O enfermeiro tem um papel crucial no atendimento às vítimas de violência nos serviços de emergência. A realização de anamnese, exame físico e diagnóstico de enfermagem são etapas essenciais no acolhimento dessas vítimas (Ghofrani, 2020). No entanto, no Brasil, esse tipo de assistência é estudado de forma limitada, resultando em uma carência de conhecimento entre os profissionais, o que impacta diretamente a qualidade do atendimento prestado (Citolin, 2024). Mesmo com a experiência prática adquirida no atendimento diário, muitos enfermeiros se sentem despreparados para lidar com vítimas de violência, devido à falta de treinamento específico (SILVA, 2022).

Embora a assistência em serviços de emergência envolva cuidados gerais, a presença de profissionais capacitados para lidar com situações de violência pode minimizar os impactos negativos na saúde física e mental das vítimas. Para isso, é necessário que os enfermeiros possuam uma formação adequada, que inclua o conhecimento sobre os diferentes tipos de violência e as abordagens específicas para o cuidado dessas vítimas (RIBEIRO, 2021).

No Brasil, a Resolução 556/2017 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) aborda competências dos enfermeiros em situações de violência, incluindo a realização de triagem, acolhimento, e o atendimento a vítimas de violência física e psicológica, garantindo a aplicação de protocolos assistenciais apropriados. Esses profissionais são fundamentais para a detecção precoce de sinais de violência, a documentação adequada do atendimento e o encaminhamento correto das vítimas. É fundamental que a formação em Enfermagem inclua, em sua base curricular, o treinamento para o atendimento a vítimas de violência, capacitando os profissionais desde a graduação para que possam reconhecer sinais de violência e oferecer o acolhimento adequado nas unidades de emergência. O ensino prático, com a utilização de simulações e estudos de casos, contribui para que os enfermeiros se sintam mais preparados e confiantes para lidar com essas situações complexas (SANTOS, 2019).

Apesar da relevância do atendimento de emergência a vítimas de violência, muitos enfermeiros se sentem despreparados para realizar os cuidados necessários devido à falta de capacitação adequada. Assim, o problema de pesquisa deste estudo é: Como a atuação dos enfermeiros no atendimento de emergência às mulheres vítimas de violência pode ser aprimorada, levando em consideração a qualificação profissional e as necessidades específicas dessas vítimas?

Este trabalho tem por objetivo analisar, por meio de revisão de literatura, a percepção dos enfermeiros sobre a atuação no acolhimento e cuidado às mulheres vítimas de violência nos serviços de emergência.

No âmbito dos serviços de emergência, enfermeiros devem desempenhar um papel central no acolhimento e cuidado dessas mulheres, sendo frequentemente o primeiro ponto de contato no sistema de saúde. Entretanto, a literatura aponta que a atuação da enfermagem nesse contexto enfrenta desafios como a falta de recursos e protocolos claros, despreparo em saber lidar com situações de violência e lacunas na formação profissional, podendo comprometer a qualidade e a humanização do atendimento (SILVA, 2020; SANTOS, 2019; VIEIRA, 2017).

Por essa razão, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender, de forma aprofundada, como os enfermeiros percebem sua atuação nesse cenário, identificando os principais obstáculos e as demandas por capacitação. A análise desses

aspectos é importante para subsidiar a elaboração de políticas institucionais, programas de educação continuada e protocolos de atendimento que fortaleçam a assistência prestada às mulheres vítimas de violência.

Este estudo contribui para o avanço do conhecimento na área de enfermagem, promovendo reflexões sobre práticas baseadas em evidências e alinhadas aos princípios éticos do cuidado. Considerando o impacto social, esta pesquisa possui relevância tanto no âmbito acadêmico quanto profissional, pois oferece sugestões para a melhoria da qualidade do atendimento e para o fortalecimento do sistema único de saúde (SUS) no enfrentamento dessa problemática.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma revisão de literatura de caráter descritivo de cunho exploratório, com o intuito de analisar a percepção dos enfermeiros sobre a atuação no acolhimento e cuidado às mulheres vítimas de violência nos serviços de emergência. Além disso, a pesquisa é também descritiva, pois tem como propósito observar, descrever, explorar, classificar e interpretar aspectos de fatos ou fenômenos. Buscam-se frequências, características, relação e associação entre variáveis.

Segundo Dyniewicz, (2014, p.97) explica que as pesquisas exploratórias têm a finalidade de esclarecer e proporcionar uma visão geral em dimensões mais ampliadas acerca de um determinado fato.

Como técnica de coleta de dados, serão utilizadas fontes bibliográficas de autores relacionados ao tema.

As bases de dados indexadas a serem utilizadas na pesquisa foram: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América (MEDLINE); National Center For Biotechnology Information (NCBI - PUBMED); e Google Scholar.

A pesquisa nestas bases de dados foi norteada pelos seguintes descritores: Enfermagem forense; Enfermagem; Violência contra a mulher; Cuidado de Enfermagem; Percepção de Enfermeiros; Atuação de Enfermeiros.

O critério de seleção adotado foram artigos e monografias da área de

enfermagem que podem demonstrar relação com o título e objetivos deste trabalho, apresentando a atuação dos enfermeiros no atendimento às mulheres vítimas de violência em serviços de emergência. Os estudos selecionados tiveram recorte de 5 anos (2020-2025).

Os dados extraídos dos estudos selecionados foram analisados de forma qualitativa, utilizando a análise de conteúdo temático, conforme proposto por Bardin (2011). Esse método permite identificar categorias e temas recorrentes nos estudos, possibilitando uma síntese estruturada e alinhada aos objetivos do trabalho. O processo de análise seguiu as seguintes etapas:

I. Leitura flutuante dos estudos selecionados para familiarização com o conteúdo e identificação de padrões preliminares relacionados ao objetivo da revisão;

II. Categorização dos dados com base nos objetivos específicos, identificando os temas relacionados à percepção dos enfermeiros, desafios enfrentados e necessidades de qualificação profissional.

III. Síntese e interpretação dos dados a partir de elaboração de um quadro para organizar as informações dos estudos selecionados, incluindo: autor, ano, método utilizado e principais resultados.

IV. Discussão dos resultados a partir da literatura e das políticas públicas de saúde, enfocando nas estratégias de aprimoramento do atendimento humanizado às mulheres vítimas de violência em unidades de emergência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 15 estudos selecionados, realizada por meio da técnica de análise de conteúdo temático de Bardin (2011), envolveu leitura flutuante, categorização e interpretação dos dados extraídos de artigos publicados entre 2020 e 2025. Três categorias principais foram identificadas, correspondendo aos objetivos específicos desta revisão: percepções dos enfermeiros sobre os cuidados prestados, desafios enfrentados no acolhimento e atendimento, e necessidades de qualificação profissional. Os resultados são apresentados em tabelas específicas para cada objetivo, seguidas de uma síntese qualitativa.

3.1 Principais Percepções dos Enfermeiros sobre os Cuidados Prestados às Mulheres Vítimas de Violência

A percepção dos enfermeiros sobre seu papel no acolhimento de mulheres vítimas de violência dentro dos serviços de emergência reflete tanto o reconhecimento de sua importância quanto as limitações enfrentadas na prática. Essa categoria explorou como os profissionais enxergam os aspectos éticos, técnicos e relacionais do cuidado, revelando uma mistura de disposição para ajudar e frustração diante das barreiras existentes.

Nesta categoria, 4 (quatro) estudos destacam ferramentas e sentimentos que moldam essa percepção (tabela 1).

Tabela 1 – Percepção dos enfermeiros sobre os cuidados prestados

Autor (Ano)	**Método**	**Resultados Relacionados à Percepção**
Mota (2020)	Descritivo-Exploratório	Empatia é presente nos enfermeiros, mas também frustração diante da falta de conhecimento para identificar casos.
Amarijo (2021)	Qualitativo, Descritivo e Analítico	Enfermeiros veem seu papel como transformador social, usando dispositivos de poder para enfrentar a violência.
Moraes (2023)	Qualitativo Descritivo Exploratório	Enfermeiros sentem-se preparados e dispostos a ajudar, empregando a SAE para oferecer cuidado e apoio multiprofissional.
Silva, G.R (2024)	Revisão de Literatura	Violência é vista como problema de saúde pública, com impactos na saúde da mulher e família (traumatismos, depressão, etc.).

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

A partir dos estudos apresentados, os enfermeiros percebem seu papel como central no acolhimento, valorizando ferramentas técnicas como a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) (MORAES, 2023) e a anamnese (SILVA, 2024), além de aspectos relacionais como a empatia (MOTA, 2020). Contudo, existe uma dicotomia: enquanto alguns enfermeiros se sentem preparados e enxergam potencial transformados na prática, outros apontam limitações éticas e relacionais, como escuta

insuficiente e foco restrito na violência (AMARIJO, 2021).

3.2 Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros no Acolhimento e Atendimento

Nesta categoria, foram abordados os desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento às mulheres vítimas de violência, abrangendo os fatores individuais, institucionais e estruturais que dificultam uma assistência eficaz.

Cinco estudos (05) examinaram as barreiras que comprometem o acolhimento (tabela 2), desde o preparo profissional até a falta de integração com os serviços de saúde, evidenciando como essas questões impactam a qualidade do cuidado e a visibilidade do problema.

Tabela 2 – Desafios enfrentados pelos Enfermeiros

Autor (Ano)	**Método**	**Resultados Relacionados aos Desafios**
Cardoso (2021)	Qualitativo	Acolhimento exige escuta qualificada, mas nem todos os enfermeiros o realizam adequadamente, prejudicando a individualidade.
Pereira (2022)	Revisão de Literatura	Despreparo e desconhecimento de protocolos comprometem o atendimento.
Franco (2022)	Revisão de Literatura	Barreiras institucionais e falta de protocolos dificultam ações no enfrentamento da violência em emergências.
Ribeiro (2025)	Qualitativo Descritivo Exploratório	Prática desarticulada com a realidade do serviço, sem entendimento de protocolos e fluxos de cuidado.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Dentre os desafios mais citados pelos estudos contam-se o despreparo decorrente da formação insuficiente; o desconhecimento de protocolos e notificações (PEREIRA, 2022); a inadequação do acolhimento devido a falta de escuta qualificada (CARDOSO, 2021), e barreiras institucionais como a ausência de fluxos claros (FRANCO, 2022; RIBEIRO, 2025). Essas dificuldades comprometem a eficácia e a humanização do cuidado.

3.3 Necessidades de Qualificação Profissional para o Cuidado Humanizado e Eficaz

Com relação ao cuidado às mulheres vítimas de violência, a qualificação profissional se apresenta como um ponto crítico a ser aprimorado, demandando estratégias que possam superar os desafios atuais e a prática dos enfermeiros.

O mapeamento das necessidades apontadas na literatura faz parte desta categoria (tabela 3), focando em como a capacitação pode promover um cuidado mais técnico, ético e humanizado nos serviços de emergência.

Tabela 3 – Necessidades de Qualificação Profissional

Autor (Ano)	Método	Resultados Relacionados à Qualificação
Silva, V.G (2020)	Descritivo e Qualitativo	Abordagem do tema na graduação e educação continuada é essencial para melhorar o acompanhamento e notificação.
Silva, B.A (2020)	Revisão de Literatura	Grande desafio é buscar uma rede de amparo às pacientes, exigindo capacitação para multidisciplinaridade do atendimento.
Figueira (2021)	Revisão de Literatura	Capacitação profissional e abordagem da violência na formação acadêmica são necessárias para superar limitações intrínsecas.
Leite (2022)	Revisão de Literatura	Cursos preparatórios e capacitações em família e violência são indispensáveis para enfrentar as vítimas de forma eficaz.
Silva, E.B.G (2022)	Revisão de Literatura	Formação deve abordar violência para preparar enfermeiros, especialmente em notificação e sistemas de referência.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Conforme visto pela tabela 3, a qualificação é vista como crucial, dando ênfase na inclusão do tema durante a graduação e educação continuada (SILVA, 2020; FIGUEIRA, 2021), cursos específicos sobre violência e família (LEITE, 2022), e capacitação para redes de apoio e notificações (SILVA, 2020; SILVA, 2022). Todas essas medidas têm por objetivo preparar os enfermeiros para um atendimento mais integrado e resolutivo.

3.4 Discussão

Conforme identificado nos estudos de Moraes (2023) e Netto (2018), a percepção dos enfermeiros é destacada pela busca de um cuidado integral que

transcenda a violência imediata, promovendo o acolhimento e apoio multiprofissional. A teoria de Jean Watson (2002) agrega essa visão, pois enfatiza o cuidado holístico como uma conexão entre profissional, paciente e família, priorizando o conforto e a segurança. A empatia, presente em Mota (2020) e o potencial transformador apontado por Amarijo (2021) também alinham-se com os princípios da Política Nacional de Humanização (PNH) – HumanizaSUS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003), que valoriza a autonomia, o vínculo solidário e a escuta qualificada.

Contudo, a frustração relatada por Mota (2020) e a visão de violência como problema de saúde pública (SILVA, 2024) corroboram com Ohman (2020) e a OMS (1996), os quais reconhecem a violência contra a mulher como uma questão global com impactos profundos na saúde física e mental. Essa dualidade entre disposição e limitação sugere que, apesar do ideal humanizado, a prática ainda enfrenta barreiras que compromete sua plena realização.

Quanto aos desafios, ficou evidenciado o despreparo e a confusão sobre as notificações (FREITAS, 2018; PEREIRA, 2022), a inadequação do acolhimento (CARDOSO, 2021) e a desarticulação dos serviços (RIBEIRO, 2025) como limitações apontadas por Velasco Bueno e La Calle (2020), que descrevem o ambiente hospitalar como um espaço de desequilíbrio emocional e sobrecarga. A ausência de protocolos claros, destacados por Franco (2022) e a fala de redes de referência alinham-se às observações de Mendes (2018) sobre a necessidade de uma compreensão holística da violência para evitar condutas ineficazes.

Esses achados também contribuem com a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), que exige ações integradas entre União, estados e Municípios, mas cuja implementação parece falhar na prática, como sugerido pela desarticulação relatada por Ribeiro (2025). A subnotificação, um problema recorrente, reforça García-Moreno et al. (2022), que apontam variações metodológicas e barreiras éticas como fatores que obscurecem a real magnitude da violência, comprometendo a resposta do setor saúde.

A necessidade de qualificação profissional evidenciada por Silva (2020), Figueira (2021) e Leite (2022), encontra respaldo em Fernández Trinidad et. al (2019), que defendem a formação integral dos enfermeiros desde a graduação para promover a universalidade do direito à saúde. A ênfase em cursos preparatórios e protocolos reflete

a proposta de Wolf (2020), que destaca o cuidado humanizado como um guia ético e prático, exigindo competências específicas para enfrentar situações complexas. A Resolução COFEN 556/2017, citada no referencial, regulamenta essas competências, mas sua aplicação é limitada pelo despreparo, como apontado por Elder e Johnston (2020), que vinculam a exaustão dos profissionais à falta de recursos e treinamento. A capacitação para redes de apoio, também ressoa com Sousa (2019), que defende a articulação do SUS para garantir acessibilidade e resolubilidade, sugerindo que a formação deve ir além do técnico para incluir habilidades relacionais e estratégicas.

Os resultados corroboram o problema de pesquisa – como aprimorar a atuação dos enfermeiros considerando qualificação e necessidades das vítimas – ao indicar que a formação inadequada e as barreiras institucionais são entraves centrais. A percepção de protagonismo (AMARIJO, 2021) e a disposição para ajudar (MORAES, 2023) contrastam com os desafios práticos (FRANCO, 2022), sugerindo que o potencial da enfermagem só será plenamente realizado com investimentos em educação continuada e protocolos claros, como preconiza o HumanizaSUS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003). A violência contra a mulher, conforme Ohman (2020) e García-Moreno et al. (2022), exige uma resposta sistêmica do setor saúde, e os enfermeiros, como linha de frente, precisam de suporte estrutural para cumprir esse papel. Assim, esta revisão reforça a relevância de políticas públicas que integrem formação, prática e redes de apoio, alinhando-se à Lei Maria da Penha e ao SUS para enfrentar esse problema de saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão de literatura exploratória, conduzida por intermédio da análise de conteúdo de Bardin, cumpriu o objetivo geral que foi analisar a percepção dos enfermeiros sobre o acolhimento e cuidado às mulheres vítimas de violência nos serviços de emergência, revelando uma atuação marcada por potencial e limitações. Os resultados, organizados em três categorias, atenderam aos objetivos específicos e ofereceram respostas claras ao problema de pesquisa.

O primeiro objetivo específico identificou as percepções dos enfermeiros e mostrou que os profissionais enxergam seu papel como transformador, priorizando a

empatia e o cuidado integral, no entanto, reconhecem fragilidades na prática. O segundo objetivo específico analisou os desafios a serem enfrentados pelos enfermeiros, dentre eles o despreparo, a subnotificação e a falta de fluxos como barreiras críticas. O último objetivo específico mapeou as necessidades de qualificação, destacando a formação acadêmica e continuada como essencial para um atendimento eficaz.

A metodologia descritiva e exploratória deste estudo permitiu uma visão ampla dessas dimensões, confirmando que a melhoria da atuação da enfermagem depende da capacitação e suporte institucional. Desse modo, é recomendável integrar o tema da violência nos currículos de enfermagem, implementando treinamentos baseados em protocolos como os da Resolução do COFEN 556/2017, fortalecendo a articulação com o SUS. Esses passos podem transformar as percepções positivas em práticas consistentes, superando os desafios identificados.

Os achados deste estudo, apesar de limitados ao escopo da literatura, abrem caminho para estudos empíricos que testem essas estratégias em serviços de emergência. Este trabalho reforça o papel da enfermagem no enfrentamento da violência contra a mulher, apontando soluções práticas para alinhar formação e realidade assistencial.

REFERÊNCIAS

ALSHAMMARI, K.; McGARRY, J.; HIGGINBOTTOM, G. Educação e compreensão de enfermeiros relacionadas à violência doméstica e abuso contra mulheres: uma revisão integrativa da literatura. Nursing Open, v. 5, n. 3, p. 237–253, 2018. DOI: 10.1002/nop2.133.

CARROLL, K. Destacando a colaboração na vivência da arte da enfermagem. Nursing Science Quarterly, v. 32, p. 283–285, 2019. DOI: 10.1177/0894318419864333.

CITOLIN, M. et al. Assistance to victims of violence in Emergency services from the Forensic Nursing perspective. Revista latino-americana de enfermagem, v. 32, 1 jan. 2024.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Resolução COFEN- N° 556/2017. Regulamenta a atuação da enfermagem forense no Brasil [Internet]. Brasília: COFEN; 2017.

ELDER, E.; JOHNSTON, A. N. B.; WALLIS, M.; CRILLY, J. A desmoralização de enfermeiros e médicos que trabalham no departamento de emergência: um estudo descritivo qualitativo. International Emergency Nursing, v. 52, p. 100841, 2020. DOI: 10.1016/j.ienj.2020.100841.

FERNÁNDEZ TRINIDAD, M.; GONZÁLEZ PASCUAL, J. L.; RODRÍGUEZ GARCÍA, M. Percepção de cuidado entre estudantes de enfermagem: resultados de uma pesquisa transversal. Nurse Education Today, v. 83, p. 104196, 2019. DOI: 10.1016/j.nedt.2019.08.014.

GHOFRANI, F; MANOOCHEHRI, M et. al. Consequências da presença de enfermeiros forenses no sistema de saúde: um estudo qualitativo. Iran J Nurs Midwifery Res. 2020;25(3):195-2 português.

GOMES, R. L. Enfermagem forense no Brasil: a importância dessa especialidade. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 04, n. 06, p. 41–55, 26 jun. 2023.

HOOKER, L.; VERSTEEGH, L.; LINDGREN, H.; TAFT, A. Diferenças nos comportamentos de busca de ajuda e na percepção de utilidade dos serviços entre mulheres abusadas e não abusadas: uma pesquisa transversal de mulheres australianas no pós-parto. Health & Social Care in the Community, v. 28, n. 3, p. 958–968, 2020. DOI: https://doi.org/10.1111/hsc.12927.

JESUS, A. Dos S. De et al. Os Desafios Do Enfermeiro Emergencista Na Assistência Prestada As Mulheres Em Vivência De Violência Doméstica. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 5, p. 1499–1520, 31 maio 2022.

JONES, C. Falando sobre abuso doméstico: conversas cruciais para visitantes de saúde. Community Practitioner, v. 88, n. 12, p. 44–47, 2015.

OHMAN, A. A. A reviravolta da saúde pública na violência contra as mulheres: análise da legislação sueca sobre saúde, saúde pública e políticas de igualdade de gênero. BMC Public Health, v. 20, p. 753, 2020. DOI: https://doi.org/10.1186/s12889-020-08766-7.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Prevenção da violência: uma prioridade de

saúde pública. Quadragésima nona Assembleia Mundial da Saúde. Genebra: WHA49.25, 1996. Disponível em: https://www.who.int/violence_injury_prevention/resources/publications/en/WHA4925_eng.pdf. Acesso em: 7 mar. 2025.

PLATT, V. B. et al. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. Ciência & Saúde Coletiva, v. 23, p. 1019–1031, 1 abr. 2018.

RIBEIRO, C. L. et al. Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa. Escola Anna Nery, v. 25, n. 5, 2021.

SANTOS, A. A. et al. Estado da arte da Enfermagem Forense no cenário atual da saúde. Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 27, p. e1015, 18 jul. 2019.

SETOODEGAN, E.; GHOLAMZADEH, S.; RAKHSHAN, M.; PEIRAVI, H. Experiências vividas por enfermeiros de autonomia profissional no Irã. International Journal of Nursing Sciences, v. 6, p. 315–321, 2019. DOI: 10.1016/j.ijnss.2019.05.002.

SILVA, R. X. et al. Preservation of forensic traces by Nursing in emergency services: a scoping review. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 30, p. e3593, 2022.

SMITH, K. Contando mulheres mortas. Recuperado de: https://kareningalasmith.com/counting-dead-women/.

STUTZER, K.; RODRIGUEZ, A. M. Resiliência moral para enfermeiros de cuidados intensivos. Critical Care Nursing Clinics of North America, v. 32, p. 383–393, 2020. DOI: 10.1016/j.cnc.2020.05.002.

TRUST, C. V. Sem dinheiro, abalado, mas ainda assim atencioso — destacando as dificuldades. British Journal of Nursing, v. 25, n. 21, p. 1188–1189, 2019.

SILVA, R. X. et al. Preservation of forensic traces by Nursing in emergency services: a scoping review. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 30, p. e3593, 2022.

SMITH, K. Contando mulheres mortas. Recuperado de: https://kareningalasmith.com/counting-dead-women/.

STUTZER, K.; RODRIGUEZ, A. M. Resiliência moral para enfermeiros de cuidados intensivos. Critical Care Nursing Clinics of North America, v. 32, p. 383–393, 2020. DOI: 10.1016/j.cnc.2020.05.002.

TRUST, C. V. Sem dinheiro, abalado, mas ainda assim atencioso — destacando as

dificuldades. British Journal of Nursing, v. 25, n. 21, p. 1188–1189, 2019.